

TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO NAS FOTOGRAFIAS DE JOSE MEDEIROS



José Medeiros. Ensaio da peça *O filho pródigo*, com Ruth de Souza, Abdias Nascimento, José Monteiro, Aguinaldo Camargo, Marina Gonçalves e Roney da Silva. 1947. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

É sempre tempo de celebrar e difundir o legado do Teatro Experimental do Negro (TEN), projeto coletivo iniciado em 1944 por Abdias Nascimento. Hoje, em especial, o Instituto Tomie Ohtake e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro) se reúnem para comemorar o aniversário de oitenta anos da primeira apresentação pública da peça *O imperador Jones* no Brasil, em montagem do TEN na sua estreia no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

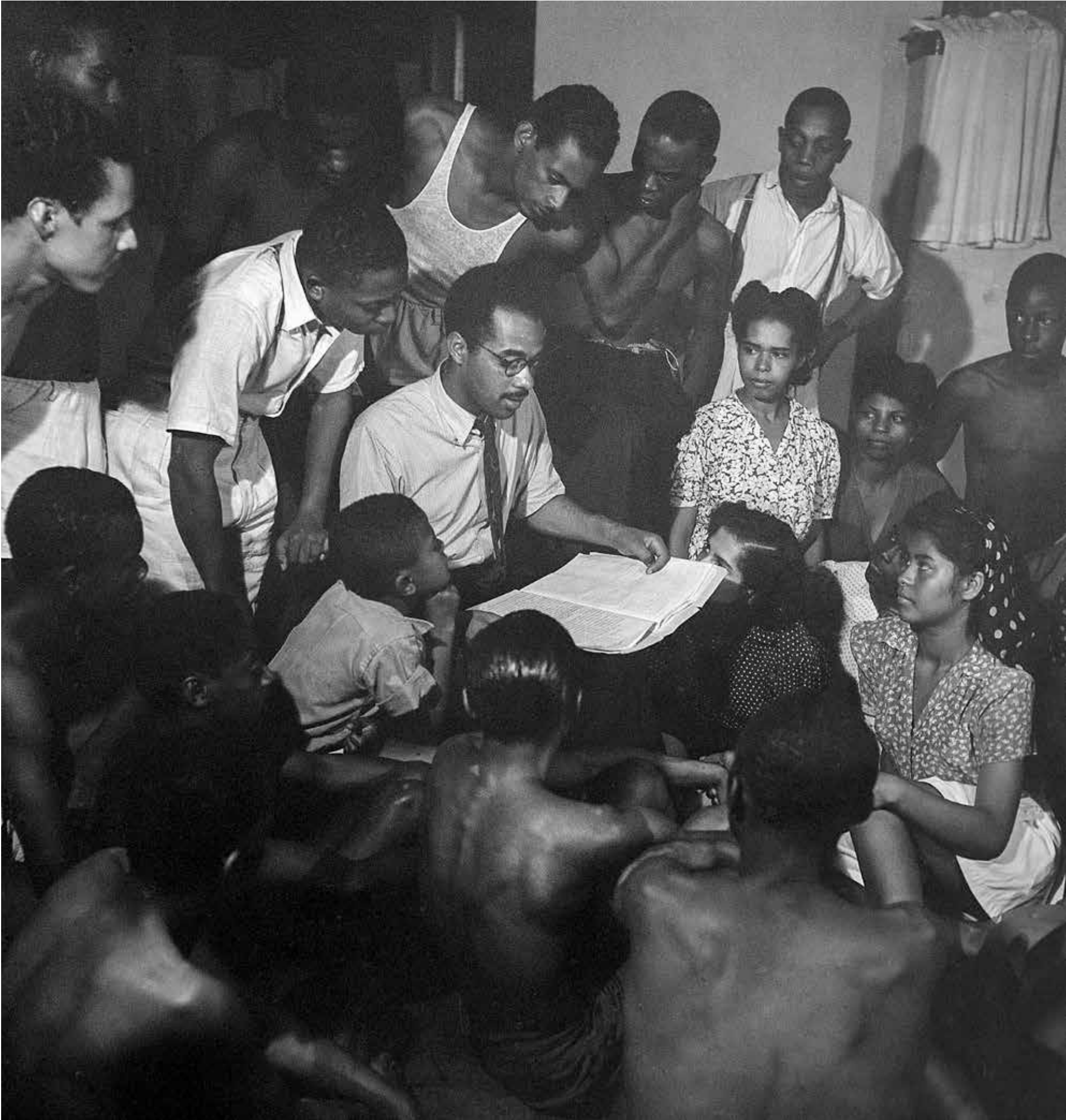
Experimental e negro, o TEN foi criado para, nas palavras de Nascimento, “estabelecer o teatro, espelho e resumo da peripécia existencial humana, como um fórum de ideias, debates, propostas, e ação visando à transformação das estruturas de dominação, opressão e exploração raciais implícitas na sociedade brasileira dominante”. Ativo nos palcos até a década de 1960, o grupo desenvolveu obras de forte impacto, enfrentou o racismo e abriu caminhos para a formação e o reconhecimento de expoentes como Ruth de Souza e Léa Garcia. Foi também o contexto de gênese de iniciativas de educação, militância e debate público, como o jornal *Quilombo* e o Museu de Arte Negra.

Durante sua existência, o TEN cultivou alianças criativas e políticas. É o caso do consagrado fotógrafo José Medeiros, que

ao longo dos anos produziu diversos ensaios fotográficos do grupo e presenteou Abdias Nascimento com um importante acervo onde convergem fotografia, teatro e engajamento. Essas imagens, com poses e enquadramentos modernos influenciados pela prática teatral, carregam um inegável senso de monumentalidade e são um testamento do orgulho e da força dos atores.

Esse rico material, que abrange mais de novecentas fotografias, apresenta-se aqui com a curadoria de Eugênio Lima, cuja própria contribuição para o teatro brasileiro, hoje, tanto inclui quanto transborda o legado do TEN. Ele mergulhou nas fotografias de Medeiros e atuou como fundamental parceiro nesta colaboração entre o Instituto Tomie Ohtake e o Ipeafro, selecionando e encadeando imagens e conjuntos de documentos. Trata-se de um modo memorável de conhecer ou reconhecer um importante capítulo de nossa história, o qual será desdobrado em programas públicos, conversas e visitas. Agradecemos ao Ministério da Cultura pela viabilização desta exposição por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). Nosso especial agradecimento ao Ipeafro, ao Acervo Abdias Nascimento e à Coleção Museu de Arte Negra, cujas contribuições foram essenciais para a concretização deste projeto, e à dedicação de Eugênio Lima.

Instituto Tomie Ohtake



José Medeiros. Ensaio da peça *O imperador Jones*, com Abdias Nascimento e elenco. 1945. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.



José Medeiros. Ensaio da peça *Todos os filhos de Deus têm asas*, com Ruth de Souza e Ilena Teixeira. 1946. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

José Medeiros pode ser considerado, com justiça, um dos precursores do fotojornalismo no Brasil. Nessa qualidade, ele se irmanava ao Teatro Experimental do Negro (TEN), um grupo que se situa entre os fundadores do teatro moderno no país.

O trabalho de José Medeiros se caracteriza pela estética oriunda de seu talento para usar a iluminação disponível, sem recorrer a equipamentos complexos e sofisticados. Com inteligentes arranjos de luz, ele criava efeitos de forte impacto, às vezes surpreendentes. E como teatro negro, o TEN sofria da perene falta de investimento público e privado que tantas vezes marginaliza as organizações negras. Então, a técnica de iluminação simples lhe cabia como uma luva. José Medeiros, com sua empatia, sensibilidade e estética fotográfica, se tornou um parceiro de longa data da trupe, criando belos registros históricos de uma das belas iniciativas criativas da época.

Como amigo do TEN, José Medeiros não só fotografou, como subiu ao palco e conviveu com o grupo. O conjunto de negativos que ele deu a Abdias Nascimento nos idos da década de 1960 revela uma perspectiva inédita diante da companhia teatral. Tudo indica que ele produziu esse conjunto de imagens com a plena consciência do valor histórico e social do que suas lentes testemunhavam, com uma dedicação que ia além dos seus compromissos profissionais com veículos da imprensa corporativa. Como fotógrafo e companheiro do TEN, seu olhar corria solto, sem amarras à inventividade.

Com a missão de preservar, gerir, articular e difundir o acervo e o legado de Abdias Nascimento em múltiplas linguagens, para permanência de memória e resistência, o Ipeafro tem o prazer e a honra de apresentar ao público, junto com o Instituto Tomie Ohtake e com a curadoria de Eugênio Lima, esse recorte da história do TEN vivido por José Medeiros, contextualizado por uma sucinta amostra de nosso amplo acervo documental.

O Ipeafro agradece a autorização que recebeu dos herdeiros, Zenaide Medeiros e José Medeiros Filho, o que nos permitiu trazer ao público essas magistrais imagens.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro)



José Medeiros. Ensaio da peça *Auto da noiva*, com Abdias Nascimento, Ruth de Souza, Aguinaldo Camargo e elenco. 1947. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.



José Medeiros. Grupo do TEN em aula ou ensaio, com Léa Garcia. c. 1952. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO NAS FOTOGRAFIAS DE JOSÉ MEDEIROS

A exposição *Teatro Experimental do Negro nas fotografias de José Medeiros* reúne um conjunto de imagens e documentos do acervo do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), lançando luz sobre a parceria entre o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o fotógrafo José Medeiros (1921-1990) ao longo de quase duas décadas. Mais que um registro documental, a mostra revela uma colaboração artística simultaneamente poética e política, destacando a importância do TEN na história do teatro moderno brasileiro e na construção da representatividade negra nas artes e na política.

Fundado em 1944 por Abdias Nascimento – diretor, dramaturgo, pintor, poeta, ativista e o primeiro senador negro da história da República brasileira –, o TEN surgiu como uma resposta à exclusão de atores negros dos palcos brasileiros, porém sua trajetória transcendeu o campo do teatro, combinando também educação e ativismo político. Além de encenar as peças, o grupo promovia concursos de beleza, congressos e publicações, como o jornal *Quilombo*, consolidando-se como um movimento cultural e político de grande impacto.

No teatro brasileiro, naquela época, às pessoas negras era destinado um lugar estereotipado, quase sempre limitado à comédia, sendo negada a atuação em outros gêneros. Ao afirmar que os artistas negros tinham capacidade dramática e profundidade lírica suficiente para interpretar qualquer papel, o objetivo de Abdias não era, necessariamente, inseri-los dentro da lógica do drama burguês: com esse gesto, ele afirmava que os atores negros poderiam fazer tudo, subvertendo a lógica da ausência e consolidando a ideia de que pessoas negras no palco, e na plateia, estavam juntas construindo a nação por meio do teatro. Abdias Nascimento escolheu não dissociar o caminho entre a política e a arte. Não à toa, a primeira grande ação do TEN foi a estreia de *O imperador Jones* no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 8 de maio de 1945, data que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial na frente europeia.

O fotógrafo José Medeiros foi pioneiro e um dos principais fotojornalistas brasileiros, tendo atuado na revista *O Cruzeiro* por quase duas décadas. Possivelmente com as sobras dos filmes utilizados nos projetos da revista, Medeiros registrou os bastidores, ensaios e momentos significativos do TEN. Fazem parte desse conjunto as grandes encenações, cujas imagens, em sua maioria, foram feitas não diante da peça sendo apresentada no palco, mas de processos de montagem e ensaios, com gestos contundentes de direção e composição de José Medeiros. O fotógrafo, além de documentar, participou ativamente do TEN, chegando a interpretar papéis em algumas montagens. Medeiros registrou, também, ações que perpassavam a atuação do TEN, como o projeto de alfabetização, os concursos de beleza negra e os encontros de Abdias Nascimento com figuras proeminentes da diáspora africana, como a cantora norte-americana Marian Anderson, primeira grande estrela negra da ópera; além do poeta e político martinicano Aimé Césaire e do poeta guianês Léon-Gontran Damas, criadores do movimento político-cultural Negritude.

As fotografias de José Medeiros vão além do mero registro, evidenciando um arquivo que pode ser lido como uma espécie de depoimento do fotógrafo sobre a ampla



José Medeiros. Ensaio da peça *Sortilégio*, com Abdias Nascimento e Léa Garcia. 1957. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

atuação do TEN. Esse conjunto, doado a Abdias Nascimento na década de 1960, mostra o quão visionário foi o processo de construção poética e política do TEN, cujo impacto não se deve apenas ao seu ineditismo – antes dele, outras companhias de teatro com atores negros foram criadas no Brasil –, mas ao enfrentamento das questões raciais na sociedade brasileira, já que o TEN atuou para construir uma encenação, uma dramaturgia e uma atuação política negras. O arquivo mostra, de maneira inequívoca, que Medeiros tinha a intenção de transformar a documentação do TEN em uma obra de arte: as fotos, nitidamente dirigidas pelo fotógrafo, não são necessariamente o registro de um momento, mas, sim, uma produção feita com a intenção de tornar-se icônica.

Lidar com esse acervo, hoje, restabelece um vínculo poético com a produção do TEN, e essa poesia não está destituída de um fazer político. A atuação de Abdias, junto ao coletivo, colocou em debate a necessidade de fundamentar um teatro cujo centro fosse a produção cultural e política negra brasileira. Um dos objetivos do TEN, com a contribuição de José Medeiros, era ser um marcador para que, quando se discutisse a construção da representação do Brasil, as pessoas negras estivessem presentes como parte constitutiva da nação. Ao fundar uma companhia de teatro chamada Teatro Experimental do Negro, Abdias não abre mão da experimentação e também não abre mão de ser negro, isso tudo dentro do teatro.

Eugênio Lima
Curador



José Medeiros. Orquestra Afro-Brasileira com Maria do Carmo. 1948. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.



José Medeiros. Aula de alfabetização do professor Ironides Rodrigues. 1946. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

A Orquestra Afro-Brasileira de Abigail Moura teve uma longa trajetória de parceria com o TEN. Durante mais de uma década, de 1946 até 1957, quando Abigail Moura compôs seus pontos de macumba para a peça *Sortilégio*, de Abdias Nascimento, as duas entidades e seus líderes viveram uma grande amizade e parceria cultural. Ambas continuaram até que o regime militar impôs o exílio a Abdias Nascimento, em 1968, e encerrou violentamente as atividades do maestro Abigail Moura e sua orquestra, em 1970, destruindo todos os seus instrumentos musicais.

O TEN foi muito mais que um grupo de teatro, estendendo sua atuação também para a política e a educação. Apesar de uma leitura muitas vezes centralizada nas figuras de Abdias Nascimento, Ruth de Souza, Léa Garcia e Aguinaldo Camargo, as situações registradas por José Medeiros, embora dirigidas pelo fotógrafo, revelam o fazer coletivo do grupo em contextos que vão desde as leituras dos roteiros e preparações para os espetáculos até os projetos de alfabetização. Essa atuação ampla destacava o que estava em disputa naquele momento: a construção do teatro moderno brasileiro e da representação negra na história do Brasil. Na metade do século 20 havia, ainda, a tentativa de impor a ideia de que o negro era um ativo do passado e de que o Brasil se tornaria uma nação mestiça, sem a presença negra. No entanto, para Abdias, não era possível conceber o povo brasileiro sem a contribuição africana e sem a representação negra na cultura e na política.



José Medeiros. Cena da peça *Othello*, com Ruth de Souza e Abdias Nascimento. 1949. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

A disputa sobre a representação negra, no TEN, se estende para todos os campos da atividade cênica, incluindo a formação e a encenação de atores negros em peças de linguagens diversas - o que revelou artistas de enorme importância, como Ruth de Souza, Aguinaldo Camargo, Léa Garcia, Haroldo Costa, Mercedes Baptista e o próprio Abdias Nascimento. Isso culmina na criação de *Sortilégio*, peça escrita por Abdias e apresentada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1957, a primeira escrita por um autor negro na história do teatro brasileiro. Essa peça trabalhou com os arquétipos da dimensão negra brasileira na cultura a partir dos ritos de matriz africana, aliando essa ancestralidade aos dilemas contemporâneos da população negra, procedimento que foi, posteriormente, repetido muitas vezes, e que virou uma espécie de vocabulário da representação brasileira.



José Medeiros. Haroldo Costa. 1947. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

Ao longo dos anos, o fotógrafo José Medeiros se dedicou a registrar, além dos ensaios e acontecimentos coletivos ligados ao TEN, os retratos das atrizes e atores que participaram das encenações. Esse gesto destoa das representações negras comumente vistas nas fotografias, principalmente aquelas do século 19, nas quais estão presentes pessoas destituídas de sua identidade e humanidade, fragilizadas e agrupadas como se fossem um conjunto de objetos. Para Medeiros, os retratos deveriam refletir a humanidade e a dignidade de cada pessoa, revelando seu rosto e seu nome. Por isso, o fotógrafo registrou quase todos os artistas do TEN em fotografias de tamanhos semelhantes, independentemente de terem protagonismos diferentes em cada montagem.

José Medeiros foi um dos protagonistas da modernização da fotografia no Brasil, integrando, a partir de 1943, a equipe de *O Cruzeiro*, revista que consolidou a fotorreportagem como linguagem central da imprensa ilustrada brasileira, incorporando elementos da estética modernista – como enquadramentos geométricos, ângulos inusitados e sequências narrativas. Dentro desse ambiente, Medeiros desenvolveu uma abordagem singular que, embora afiliada à linha editorial da revista – centrada na ideologia do progresso e em representações nacionais –, também se destacou pela sensibilidade com que retratava sujeitos marginalizados. Assim como a relação de aliança entre Abdias Nascimento e o dramaturgo Augusto Boal, figura central no teatro brasileiro, os registros feitos por José Medeiros são, também, parte de uma relação de “encomenda” – mas que não subtrai do fotógrafo a agência e a intencionalidade sobre o conteúdo produzido. Aqui, a relação se estabelece sobre o pacto de registrar a beleza e a importância do TEN. O resultado é um conjunto de imagens que transcendem a documentação: um arquivo vivo, para ser constantemente relido pela história do país e das artes cênicas.



José Medeiros. Peça *Aruanda*, com Renée Ferreira. 1948. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.



José Medeiros. Ensaio do concurso de beleza Rainha das Mulatas, com Maria Aparecida Marques. 1947. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

Como extensão da atuação política do TEN, foram promovidos os concursos Rainha das Mulatas e Boneca de Piche, com o objetivo de engrandecer a autoestima das mulheres negras. Hoje, o estranhamento causado por esses termos, além de muitos outros ligados às definições raciais, é também um desdobramento das questões endereçadas por Abdias Nascimento ao promover os eventos na década de 1940. Nos concursos de beleza feminina da época, registrava-se exclusivamente a participação de mulheres brancas – o que, de certa forma, afirmava a beleza como um atributo igualmente branco. De modo diferente, nos concursos promovidos pelo TEN, com participação exclusivamente negra, faziam parte dos critérios de julgamento, além da beleza, o talento criativo, os dotes intelectuais e a postura ética das participantes. Com o tempo, conforme os concursos foram crescendo e atraindo mais atenção dos públicos e da mídia, o TEN deixou de realizá-los, compreendendo que sua função pedagógica e de formação estava sendo desvirtuada. O legado, contudo, permaneceu: reivindicar publicamente que a beleza negra não é exceção, mas parte constitutiva da identidade brasileira.



José Medeiros. Ensaio da peça *O imperador Jones*, com Aguinaldo Camargo e o elenco masculino. 1945. Fotografia. Acervo Abdias Nascimento / Ipeafro.

EXPOSIÇÃO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO NAS FOTOGRAFIAS DE JOSÉ MEDEIROS

Realização Instituto Tomie Ohtake	Produção e Coordenação de Montagem André Luiz Bella Carolina Pasinato Maria Fernanda Rosalem Pedro Lemme Rodolfo Borbel Tamara da Silva Pereira Victor Constantino	Tradução Isabela Maia	Agradecimentos Agradecemos, em primeiro lugar, aos ancestrais fundadores e participantes do Teatro Experimental do Negro cuja ação, dedicação e criatividade nos trouxeram essas inesquecíveis imagens; e Américo Vermelho, Coletivo Legítima Defesa, Frente 3 de Fevereiro, José Medeiros Filho, Maurinete Lima, Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e Zenaide Medeiros.
Correalização Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro)		Montagem Ck Black Art Handler	
Curadoria Eugênio Lima		Iluminação Âmbar Locação e Serviços de Iluminação	
Pesquisa Afonso Drummond Clícea Miranda Elisa Larkin Nascimento Julio Menezes Silva	Projeto Expográfico Ligia Zilbersztein	Impressão e Sinalização Insign	
	Design Gráfico Paula Lobato Tie Ito Vitor Cesar	Pintura WCA Pinturas e Decorações	
	Revisão Divina Prado Isabela Maia	Transporte Millenium Transportes	
		Seguro Howden Brasil Consultoria e Corretora de Seguros Ltda.	

INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS (IPEAFRO)

Idealizador e Cofundador Abdias Nascimento (<i>in memoriam</i>)	Comunicação e Imprensa Julio Menezes Silva Maria Eduarda Nascimento
Diretoria Colegiada Clícea Miranda Elisa Larkin Nascimento Genésio Rodrigues Julio Menezes Silva Vânia Narciso	Conservação e Manutenção de Acervo Renato Cecílio
Acervo e Museografia Afonso Drummond	Manutenção de Infraestrutura e Espaço Físico Maria da Silva Renato Cecílio Sara Rodrigues
Acervo e Atendimento à Pesquisa Clícea Miranda	Estagiários João Vitor de Lima Mariana Avelino Taís Brito
Produção e Logística Dayse Gomis	
Administração e Infraestrutura Genésio Rodrigues Nogueira	

JORNAL

Coordenação Instituto Tomie Ohtake	ISBN 978-65-89342-52-6
Projeto Gráfico Felipe Carnevalli Paula Lobato Tie Ito Vitor Cesar	O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br .
Textos Ana Roman Divina Prado Elisa Larkin Eugênio Lima Felipe Carnevalli Paulo Miyada	
Revisão Divina Prado Isabela Maia	
Impressão Ipsis	